

RELATO

INQUIETAÇÕES DE DISCENTES NAS AULAS REMOTAS: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO FREIRIANA

Antonio Hélio da Cunha Filho¹; heliofilho2@hotmail.com

Maria Do Socorro Furtado Veloso²; socorroveloso@uol.com.br (orientadora)

RESUMO

O presente relato busca refletir, a partir de depoimentos de estudantes de pós-graduação do campo da Comunicação, como são percebidas suas participações durante as aulas remotas, no contexto da pandemia da Covid-19. O objetivo é identificar possíveis funções dialogais mobilizadas nesses encontros e que interferências a mediação tecnológica pode exercer no processo. Utilizando como abordagem metodológica o estudo de caso, o relato parte de depoimentos colhidos junto a discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com ênfase na perspectiva teórica do educador Paulo Freire (1921-1997).

PALAVRAS-CHAVE: estudantes; aulas remotas; mediação; autonomia; Paulo Freire

1. INTRODUÇÃO

“O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora, o amanhã já está feito. Tudo muda muito rápido” (FREIRE, 1996, p. 52). A partir das transformações iminentes das condições sociais, culturais e políticas da sociedade capitalista, o educador Paulo Freire (1921-1997) compreendia que as condições materiais podem afetar e modificar as relações de ensino e aprendizagem. De fato, o ano de 2020 instaurou uma nova dinâmica educacional no Brasil, com a reconfiguração das salas de aula em todos os níveis de ensino, devido à pandemia da Covid-19. Behrens, Torres e Prigol (2021) argumentam que as aulas virtuais durante a pandemia possibilitam uma maior participação na

¹ Graduado em Jornalismo e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

² Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e do Programa Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

construção do conteúdo pelos discentes, mas essa relação também se dá diante de uma possível falta de habilidade com a tecnologia por parte de alguns docentes.

Já é perceptível a aplicação de ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem, permitindo que alunos e professores construam, juntos, uma nova realidade, que vai ao encontro de um modelo de educação mais dialogal, que é base da pedagogia freiriana. Entretanto, essa construção se dá, também, em espaços comunicacionais sob controle do grande capital, o que Zuboff (2018) chama de “capitalismo de vigilância”. A autora entende que a produção de dados no ambiente digital gera o chamado *big data*, e o acúmulo desse conteúdo pelas empresas midiáticas contribui para sua dominância. As aulas no ambiente online também alimentam a manutenção de diferenças sociais. Por essa razão, tal relação pode representar uma versão atualizada da chamada “educação bancária” que Freire tanto combateu.

Consideramos que recorrer ao pensamento de Paulo Freire (1996) nos permite entender que é nas contradições e adversidades impostas pelos grupos dominantes que será possível construir outras possibilidades de ensino e aprendizagem. Entendendo que o fazer histórico vem das relações complexas estabelecidas no tecido social e nas disputas de narrativas e ideias, o presente relato reflete sobre o cenário educacional modificado pela pandemia, a partir da coleta e análise de depoimentos dos estudantes de pós-graduação em seus processos de aprendizagem, e de suas possíveis conexões com o pensamento de Paulo Freire.

2. METODOLOGIA

Este relato parte de resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, sobre o modo como os estudantes participam das aulas remotas - com possível acionamento das chamadas *performances midiáticas* - e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa é realizada junto a 28 alunos do Programa de Pós- Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que foram submetidos a um questionário. O presente trabalho focará apenas nas questões que tratam de *feedbacks* e autoanálise dos entrevistados. Os depoimentos transcritos para

esta pesquisa serão anônimos, visando preservar a identidade dos participantes; usaremos numerais para representá-los.

O objetivo é refletir sobre as percepções e observações dos discentes durante as aulas, as funções dialogais mobilizadas nesses encontros e que interferências da mediação tecnológica podem ocorrer nesse processo. A pesquisa usa o estudo de caso como procedimento metodológico, entendido por Sousa (2006) como um método que se debruça em um exemplo, por um determinado tempo, buscando entender padrões e dinâmicas. Para Yin (2014), esse método representa um aprofundamento específico em um evento contemporâneo, entendendo suas relações a partir das dinâmicas estabelecidas no real.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para o processo analítico, foram propostos quatro grupos que incluirão temáticas recorrentes nas falas dos discentes: Processos de vigilância; Pedagogia da exclusão; Distância e silenciamento; O querer bem.

3.1 Processos de vigilância

No depoimento em que se diz: “Às vezes não ligo a câmera por medo (talvez irracional) da pressão de ter que falar durante a aula” (ENTREVISTADO 1), foi possível perceber que um processo que poderia, a priori, contemplar a pedagogia da autonomia proposta por Freire (1996), que entende a participação dos estudantes como um processo dialógico importante, pode ter se tornado um parâmetro de comportamento que dificulta o que deveria facilitar - no caso, a participação. Esse cenário pode ser dificultado, primeiramente, pelo impacto significativo da autovigilância dos discentes e por uma “obrigatoriedade da participação”, especialmente na exposição pelas câmeras. A fala do Entrevistado 1 sinaliza que o ato de desligar as câmeras está relacionado a não se sentir pressionado. Crary (2012) define esses contextos como regimes de vigilância, muitas vezes regulados pelo próprio grupo.

Não me sinto tão à vontade para ligar a câmera todas as vezes porque nunca assisto aula em um lugar específico, mudo muito de posição, e acho que ficar me mexendo tanto não é algo muito interessante de ser mostrado. Mas falando honestamente, gosto mais de ver os rostos dos meu colegas durante as aulas, do que quando estão todos com a

câmera fechada. Geralmente abro a minha câmera quando vou falar, e fico feliz quando os colegas abrem pelo menos nesse momento. (ENTREVISTADO 2)

Esses parâmetros estéticos e de comportamento, possivelmente, tratam de padrões que os próprios alunos estabeleceram como metas para performarem positivamente nas aulas. Existe nessa dinâmica um gosto pela vigilância, de entender e perceber o outro. Mas, no contexto de aula, há um desejo contrastante de não ser percebido. Vigiar, mas não ser vigiado. Essa preocupação com a autoimagem e o modo como é notada pode ser um fator importante para a manutenção desses discentes nas aulas remotas.

3.2 Pedagogia da exclusão

Outra percepção importante nas respostas dos entrevistados está nas desigualdades materiais que o novo modelo impõe, como se nota neste depoimento:

Não sobre a minha performance, mas sobre a dos demais: particularidades estruturais do acesso - se o discente tem internet e equipamento de qualidade, se tem um ambiente confortável para ver a aula, se passa por algum tipo de transtorno que o inibe para maior participação. Acredito que tais fatores podem ser intervenientes na performance. (ENTREVISTADO 3)

Essa relação é também percebida por Souza e Anselmo (2021), que fazem uma leitura freiriana das aulas remotas, nomeando como um deslocamento da “pedagogia do oprimido” para a “pedagogia da exclusão”. Eles discutem como as desigualdades sociais marcam todas as esferas da sociedade capitalista, como percebido na fala anterior, os entrevistados pontuam essas desigualdades materiais em diversos aspectos. Essa disparidade é uma barreira para a permanência dos alunos em aula, como também um empecilho para se manterem ativos e participantes do processo.

3.3 Distância e silenciamento

No fragmento a seguir, há reflexões relacionadas à distância imposta pela tecnologia, e como esse distanciamento interfere no processo de fala e escuta: “Às vezes a distância ou a situação criam uma sensação de silêncio. Um medo de

discordar, e parecer algo ou dizer algo que na verdade não queria” (ENTREVISTADO 4).

É possível perceber como a mediação silenciou o desejo de tensionar o contraditório, ou expandir suas perspectivas durante os encontros. Há contratos não anunciados que existem apenas para garantir a manutenção desse sistema, o que se assemelha à espiral do silêncio conceituada por Neumann (1995), a qual aponta para sujeitos intimidados a se exporem, e, especialmente, pelo temor de possíveis consequências advindas do fato de se posicionarem. Esse silenciamento é uma situação que foge das perspectivas de Freire (1992), que enxerga o diálogo como base da construção do ensino. O autor chama esses momentos de “silêncios desconcertantes”, e devem ser evitados, pois reservando unicamente aos docentes o poder de contribuir com o conhecimento.

3.4 O querer bem

Como exposto neste fragmento: “Está presente em aula é importante. Demonstra interesse na aula, valorizando a atuação do professor (a)” (ENTREVISTADO 5), o companheirismo entre estudantes e professores tende a se estabelecer, apesar de estarem em um novo ambiente de ensino e aprendizagem, caracterizado pela distância física.

Alguns afirmaram que ligam as câmeras para mostrar solidariedade aos docentes e/ou apreciação ao seu trabalho. Essa perspectiva se assemelha a outra visão de Freire (1996), que percebe que o conhecimento só pode ser construído coletivamente, e essa construção implica no “querer bem”, pois ensinar e aprender constitui um exercício de afeto mútuo. Apesar deste novo cenário evidenciar processos educativos complexos e exclusões sociais evidentes, Freire vem nos lembrar que há “uma fortaleza que faz falta ao poderoso: a sua convicção ética e histórica de que sua briga é legítima” (FREIRE, 1992, p. 88).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das inferências e reflexões dos alunos entrevistados, buscamos compreender de que modo a nova realidade imposta pela pandemia da Covid-19 ao processo de ensino e aprendizagem pode resultar em espaços possíveis para

uma construção coletiva, na perspectiva freiriana. Mas as plataformas em questão reproduzem, também, as opressões da sociedade capitalista, e a distância física dificulta o diálogo entre discentes e docentes, causando silenciamentos. A autovigilância e a relação com a imagem se intensificam nessas comunidades de estudantes mediados.

A perspectiva freiriana investe no coletivo para a construção de uma vivência mais equânime e inclusiva pela educação. Então, cabe a professores e alunos a tarefa consciente de tornar o momento das aulas o mais produtivo e emancipador possível, apesar das grandes dificuldades impostas em nível global, especialmente desde março de 2020.

O ensino virtual é uma realidade na educação; por essa razão, que seja pensado de modo efetivamente horizontal e autônomo, e que dessa dinâmica entre os participantes surjam respostas conjuntas, a partir das quais seja possível ultrapassar e ressignificar as contradições que esse modelo promove.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mairce da Silva; OLIVEIRA, Daniel Pereira de; TRINDADE, Regina Aparecida Correia; NICOLAU, Geisi dos Santos A atualidade de Paulo Freire em tempos de pandemia: tecendo diálogos sobre os desafios da educação e do fazer docente. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, e2116610, p. 1-20, 2021 Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89468047027>>. Acesso em: 05 nov. 2021

BEHRENS, Marilda Aparecida; TORRES, Patrícia Lupion; PRIGOL, Edna Liz. Revisitando os Construtos de Paulo Freire para o Enfrentamento da Docência na Pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**. [S. l.], v. 5, n. 3, p. 104-122, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/60106/39548>> Acesso em: 06 nov. 2021.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

NEUMANN, Elisabeth Noëlle. La espiral del silencio. IN: **Opinión pública: nuestra piel social**. Barcelona: Paidós, 1995

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUZA, L. O. de; ANSELMO, K. de B. . Educação remota à luz de Paulo Freire: intensificação da exclusão. **Ensino em perspectivas** [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1–11, 2021. Disponível em:

<<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6618>>.
Acesso em: 06 nov. 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso, planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. IN: Fernanda Bruno... [et al.] **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.